



Ademir MEDICI

Santa Cruz em Rio Grande

As grandes festas em homenagem à padroeira mobilizavam a comunidade de Rio Grande, então vila, hoje Município de Rio Grande da Serra. Havia procissão, é claro, com andor. O sino tocava. As ruas eram enfeitadas com bambus. Realizavam-se quermesses. O povo participava. E, naturalmente, surgiam histórias saborosas sobre o ponto de passagem

que era Rio Grande. Diziam até que Dom Pedro havia feito orações na velha igreja, orgulho do lugar.

Luiz Orlando, então com 74 anos em 1976, falava da igreja. Segundo ele, a igreja era em louvor à Santa Cruz e mudou de padroeira por causa de um empregado de Francisco Panturfi, proprietário de antiga serraria. O empregado cismou de usar o canivete para esculpir a imagem de São Sebastião num toco de árvore. O santo ficou perfeito e passou a ser o padroeiro do lugar.

Apesar do novo padroeiro, durante muitos anos Rio Grande continuou promovendo quermesses em homenagem à Santa Cruz. Viviam-se, então, duas festas anuais: a de Santa Cruz e a de São



Reprodução: Alberto MURAYAMA

Sebastião. Bandas de várias partes da região apareciam para animar as quermesses.

Naquele 1976 a capela de São Sebastião estava intacta. Depois seria parcialmente destruída. Sua fachada principal e a parede direita agonizam bem no centro de Rio Grande e reclamam restauração. Mas imagens das antigas festas sobrevivem na memória de velhos moradores e em fotos como a que ilustra a coluna, cedida pelo pesquisador Roberto Botacin, que conclui livro sobre a história de Rio Grande da Serra. Publicar o livro e restaurar a capela são duas lutas importantes para preservar a memória local.